

Professora diz que pressão da família é menor

A professora de matemática Elza Furtado Gomide, da Universidade de São Paulo (USP), não vê mais necessidade de programas de estímulo à entrada de mulheres em áreas científicas nas quais a presença masculina é quase exclusiva. Segundo a professora, que é doutorada em álgebra e trabalha como orientadora nos programas de pós-graduação do Instituto de Matemática da USP, a conquista destes territórios pelas mulheres já está ocorrendo de maneira rápida e irreversível. "Houve uma mudança tão grande, que não é mais possível detê-la", afirma.

A história da professora Elza, que tem 69 anos, é uma prova dessa mudança. Quando chegou ao curso de física da USP, no final da década de 40, ela descobriu que era a única entre dezenas de homens. Mais tarde, quando decidiu trocar a física pela matemática, as coisas mudaram, mas não muito: na sua turma, eram 4 mulheres para um número quase dez vezes maior de homens. Entre essas 4 mulheres, apenas ela dedicou-se à pesquisa matemática e seguiu carreira acadêmica. Doutorou-se em 1957 e hoje não faz mais pesquisas, mas orienta jovens pesquisadores. Especialista num ramo da matemática conhecido como topologia diferencial, ela é considerada uma das melhores cabeças brasileiras na sua área.

Filha de professor de matemática, Elza conta que não sofreu nenhum tipo de cerceamento quando optou pela física e, mais tarde, pela matemática. "Sempre gostei dessa área e meus pais me encorajaram", conta. "Mas a minha família era uma exceção." De acordo com a professora, era no meio familiar que surgiam os primeiros e mais fortes obstáculos à vontade de algumas mulheres seguirem a carreira científica. "Hoje as famílias mudaram, tornaram-se mais liberais."